

Diálogos cruzados entre música, cinema, dança e artes visuais, refletem, de maneira crítica e poética, suas potências, articulando acerca de um território fértil, território de possibilidades. A Arteriais nº 04 traz artigos heterogêneos, múltiplos, abordando a arte, seus processos de criação, seus alcances estéticos e políticos.

Na seção PORTFÓLIO Armando Queiroz apresenta sua maneira de pensar a arte, sua experiência poética de grande teor político, sua fala feito grito! Brado de um artista resistente, vindo das águas barrocas da Amazônia, que aborda a violência de maneira ímpar, consciente, apontando e subvertendo, com seu olhar arguto, a lógica do dominador.

Na seção dos ARTIGOS, temos diálogos sobre os territórios da arte, em Fluxos Semióticos: Aproximações Ecológicas entre Comunicação e Arte, Ítala Clay de Oliveira Freitas e Rafael de Figueiredo Lopes trazem reflexões sobre Comunicação e Arte, pelas dimensões do sensível e da cognição, sublinhando o caráter expressivo no entrelaçamento entre esses dois campos do conhecimento. A literatura e as artes visuais estão presentes nesta edição, no artigo A Angústia da Influência nas Artes Visuais, como na literatura, com Harold Bloom onde Maria do Céu Diel Oliveira analisa os escritos que buscam entender a possibilidade de migrar as categorias poéticas elencadas por Harold Bloom na Angústia da Influência – clinamen, tessera, kenosis, demonização, askesis e apófrades – para as artes visuais como forma de entendimento, compreensão e superação da influência poética/artística. Em Um olhar sobre a poética dos *parangolés* de Hélio Oiticica, Amanda Gatinho Teixeira aborda a poética de Hélio Oiticica mediante os Parangolés, sua obra emblemática, em que o espectador tornando-se participante, pode vestir a cor, dançar, movimentar-se e ter a experiência sensorial e

pictórica em seu próprio corpo. Em A gambiarra e o alegórico no cinema contemporâneo brasileiro, Iomana Rocha fala sobre e bom aproveitamento do acaso, da gambiarra, proporcionando reflexões acerca da imagem cinematográfica, do emprego da “estética da gambiarra” e o que dela resulta e contribui para a direção de arte no cinema brasileiro contemporâneo.

No âmbito das discussões que envolvem a dança, o artigo Samba e balé clássico na construção coreográfica de uma porta-bandeira: aproximações com a dança imanente, onde Ana Flávia Mendes Sapucahy relata sua experiência artística-poética vivida como porta-bandeira do Auto do Círio, cortejo cênico realizado anualmente em Belém do Pará em homenagem à Nossa Senhora de Nazaré, padroeira dos paraenses. Já no artigo Cinema e identidade cultural brasileira: possíveis reflexões para uso de filmes em sala de aula, Wallace Rodrigues e Cristiano Alves Barros abordam o contexto educacional que envolve a arte e articula sobre como o cinema pode funcionar em sala de aula do Ensino Médio enquanto gerador de informações sociais, históricas e culturais.

No que tange as questões que envolvem a música, temos A concepção intervalar na poética pós-ruptura: uma análise da sonata n.º 3 de Almeida Prado, onde Edson Hansen Sant’Ana analisa a poética do compositor Almeida Prado, indo da pós-ruptura ao tonalismo; relata sobre o espaço multi-sistêmico do compositor, chamado transtonalismo, bem como trata da comprovação analítica voltada para o problema intervalar em uma das obras utilizadas para uma pesquisa mais abrangente, que se ampliou e se verificou ocorrente em mais de 100 obras do referido autor. No artigo O que é Performance? Entre contexto histórico e designativos do termo, Natalie Mireya Mansur Ramirez pretende explorar questões relacionadas

aos designativos do termo performance, levando em consideração a abrangência de campos do conhecimento que esta envolve através de autores nacionais e internacionais, bem como alguns exemplos históricos. E fechando esta edição temos Sob/sobre notas–desenhos de escuta de Raquel Stolf, onde a artista nos apresenta texto potente sobre suas investigações em torno de experiências de silêncio, bem como acerca de propostas de escrita, leitura e escuta que pendem segundo ângulos de suspensão (usos de uma palavra pênzil) e de processos que envolvem uma escuta porosa.

São múltiplos os diálogos que irrompem com o desejo de contribuir para um debate sobre a arte, discursos que nos ajudam a compreender, cada vez mais, o meio cultural contemporâneo.

Os editores

Belém do Pará, inverno 2016 | 2017.